

PATRICIA
LÓPEZ ARNAIZ

JUAN MINUJÍN

E NAGORE ARANBURU

OS DOMINGOS

UM FILME DE ALAUDA RUIZ DE AZÚA

[illegible]

original M+ harmonia COLOSO Soyoko ENCAIXA FILME TUDUM LEE DZANGZANGSANGSANG rtve VAO A+ MADRE ADORADA Le Pacte LEOPARDO

OS DOMINGOS

Los domingos

Um filme de Alauda Ruiz de Azúa

2025 | Espanha, França | 1H55 | M/12

Estreia: **2 de Abril de 2026**

Festival de San Sebastián 2025 – Concha de Ouro, Prémio FIPRESCI

LEFFEST – Lisboa Film Festival 2025 – Um Novo Élan do Cinema Espanhol

Prémios Goya 2026 – Melhor Filme, Melhor Realização, Melhor Actriz Principal (Patricia López Arnaiz), Melhor Actriz Secundária (Nagore Aramburu), Melhor Argumento Original

Ainara, uma brilhante e idealista jovem de 17 anos, tem de decidir que curso quer seguir. Porém, a adolescente sente-se cada vez mais próxima de Deus e pondera abraçar a vida de freira. A notícia surpreende toda a família, provocando uma ruptura e colocando todos à prova. Alauda Ruiz de Azúa usa as fracturas nesta família para conceber uma profunda reflexão sobre espiritualidade e as suas diferentes formas.

Argumento: Alauda Ruiz de Azúa

Direcção de Fotografia: Bet Rourich

Montagem: Andrés Gil

Som: Andrea Sáenz Pereiro

Produção: Marisa Fernández Armenteros, Sandra Hermida, Nahikari Ipiña, Manu Calvo

Trailer: <https://vimeo.com/1174757674>

Distribuição: Leopardo Filmes

CRÍTICA INTERNACIONAL

«Um tema original tratado com força e delicadeza»

Le Figaro (Éric Neuhoff) ★★★★★

«Ver *Os Domingos* é como um acto de fé; não sabemos como iremos estar depois do visionamento, se fascinados ou chateados. Um filme magnífico.»

Fotogramas (Beatriz Martínez) ★★★★★

«A força do filme reside na subtilidade do seu argumento e na complexidade do seu dilema moral.»

Paris Match (Yannick Vely) ★★★★★

«Um brilhante drama em torno do catolicismo e da educação, tratado com profunda e clara subtilidade.»

El Mundo (Luis Martínez) ★★★★★

«Faz-nos sentir com grande delicadeza os tormentos e a exaltação da adolescência.»

Positif (Pascale Thibaudeau) ★★★★★

«Uma exploração inteligente e incisiva da família.»

Télérama (Hélène Marzolf) ★★★★★

«Engraçado e muito comovente.»

The Film Verdict (Deborah Young)

NOTA DE INTENÇÕES

Os dilemas difíceis são aquilo que me move. Esse lugar em que nos encontramos divididos entre o que devemos fazer, o que queremos fazer e aquilo que sentimos. *Os Domingos* surgiu-me por causa de uma história que ouvi há algum tempo: uma rapariga de 18 anos decidiu entrar, de um dia para o outro, num convento de clausura. As tentativas da família para a dissuadir foram em vão. Porque é que alguém escolheria tornar-se freira nessa idade? Porque decidir virar costas ao mundo precisamente no momento em que se entra na idade adulta? Como convencer alguém de que a vida adulta vale a pena quando o mundo lá fora pode ser incerto e difícil?

A vocação de clausura é talvez uma das expressões mais extremas da procura de um lugar no mundo e rapidamente me pareceu o pretexto perfeito para questionar a família enquanto refúgio natural. No fundo, sejamos ateus, agnósticos ou crentes, precisamos de acreditar em alguma coisa para seguir em frente. Todos fazemos apostas de fé. Todos apostamos em algo, comprometemo-nos com diferentes relações sem qualquer prova absoluta de que são reais. Sentimos que são reais e isso basta-nos. Há quem acredite em Deus, outros nos seus parceiros e alguns na família como algo indissolúvel.

O filme intitula-se *Os Domingos* porque, para os católicos, o domingo é o Dia do Senhor e, para muitas famílias, é também um dia de encontro e reunião, muitas vezes por obrigação. Quantas famílias passam horas a discutir no Natal? Quantas vivem os compromissos familiares com relutância? Foi aí que esta história começou, numa reflexão sobre como é difícil romper com a família, porque, mesmo quando não são próximos, os laços familiares são incomparáveis.

A religião e a espiritualidade estão muito presentes no filme. Os rituais, os processos vocacionais, a rotina do convento, até o tipo de conversa íntima que um padre pode ter com uma menor no contexto da orientação espiritual. Procurei retratar este universo com grande rigor, após uma investigação exigente. Como cineasta, optei por uma certa nudez na linguagem: deixar as personagens respirar tal como

são e permitir que as observemos de uma perspectiva íntima, mas à distância. Ao mesmo tempo, percebi como a espiritualidade se infiltra na própria forma através de múltiplas fissuras.

Tal como aquilo que as personagens não dizem é tão ou mais importante do que aquilo que dizem, também escolhi cuidadosamente aquilo que fica fora de campo, aquilo que não se vê, como as figuras ou estátuas divinas. Optei por uma única banda sonora: um coro. Essa música coral reveste o quotidiano de uma outra profundidade, um certo sentido de poesia e vulnerabilidade.

O espiritual está no convento, mas também fora dele. Não se trata de uma dimensão espiritual religiosa, mas emocional. Esse algo invisível que nos rodeia a todos. A fragilidade das coisas. A perda de quem amamos. As separações que acontecem sem gritos nem discussões. O primeiro amor incerto. Os abismos que se abrem quando aparentemente nada está a acontecer. A necessidade de amar ou de ser amado acompanha-nos ao longo da vida, tal como a sensação de que todos precisamos de acreditar em alguma coisa.

ENTREVISTA COM A REALIZADORA (*Fotogramas*, Laura Pérez)

De onde vem o seu interesse por um tema pouco presente (até ao aparecimento de Rosalía e de *Lux*) na sociedade contemporânea, como a vocação religiosa?

Bem, no fundo o religioso é apenas a primeira camada, o detonador, a chama que acende tudo o resto, porque no fundo estamos a falar das fragilidades de uma família. É uma história que me acompanha há muito tempo. Quando eu tinha 18 ou 19 anos, uma rapariga próxima de mim entrou para uma ordem religiosa. Chamou-me muito a atenção que alguém tomasse uma decisão tão radical, que eu vivi como uma renúncia à vida. Mantive essa ideia no meu bloco de notas durante anos e, depois de filmar *Cinco lobitos* (2021), os produtores perguntaram-me se tinha algum projecto. Eu disse: “Vai parecer-vos uma loucura, mas...” E contei-lhes a história.

Como os convenceu de que não era?

Fomos almoçar. São três produtoras e um produtor, todos com formações diferentes, alguns com educação religiosa e outros não. Chegou o momento de pagar a conta e continuávamos a falar do assunto sem parar. Percebemos que havia ali algo interessante e que nenhum de nós tinha uma posição clara sobre o tema. Para mim, os conflitos sem respostas fáceis são um estímulo, por isso apercebemo-nos de que ali havia realmente um projeto. Creio que ter feito primeiro *Cinco lobitos* me permitiu perceber algo que antes não tinha claro: o ângulo a partir do qual queria contar esta história, a família, e explorar como ela é abalada por uma situação como esta.

Porque lhe desperta tanta curiosidade a instituição da família?

Interessa-me como um organismo vivo que pode ser um refúgio ou uma prisão e que, além disso, se transforma. Nunca deve ser tomada como algo garantido, porque está sempre em mudança.

A família do seu filme é convencional, mas não há uma mãe. O que a levou a tomar essa decisão?

Tentei construir o percurso do espectador a partir de uma pergunta central: até que ponto esta vocação é genuína, sobrenatural ou espiritual, ou se existe um mundo adulto que a empurra. E esse mundo adulto pode ser o religioso, no colégio, mas também o familiar. Esse mundo adulto exerce sempre pressão a partir da vulnerabilidade e creio que a personagem de Ainara se tornava mais completa nesse sentido se carregasse a experiência de ter perdido a mãe.

Grande parte do peso do filme recai nas suas atrizes, Nagore Aramburu e, sobretudo, Patricia López Arnaiz e Blanca Soroa. Como a encontrou e o que viu nela, sendo que até agora nunca tinha trabalhado como atriz?

Este é o seu primeiro trabalho e há nela algo de misterioso que, do ponto de vista fotogénico, era muito necessário para esta personagem. Era impressionante colocar a câmara num primeiro plano sobre ela, porque não preciso de saber exactamente o que está a pensar, mas há algo que ocupa aquela cabeça que me desperta interesse. E com a Patricia foi maravilhoso trabalhar, porque ambas somos muito exigentes e muito conscientes de que, quando tocamos em algo de verdade, a cena ganha outra força e outro peso. Era isso que procurávamos e conseguimos alcançá-lo em muitos momentos.

Parece haver um interesse renovado pela iconografia religiosa. Em que fontes se inspirou?

Interessava-me perceber como outros cineastas tinham retratado o espiritual e recorri a autores como Dreyer. Voltei a ver *A Palavra* (1955) porque, naquela cena em que a rapariga é reanimada, há coisas que me interessam muito. Também em Bresson. Interessa-me a forma como constroem o mistério com grande austeridade, como trabalham o som ou o silêncio. Não queria recorrer a estátuas religiosas, mas antes a coisas subtis. Estou muito orgulhosa da subtileza do meu filme.

BIOGRAFIA DA REALIZADORA

Alauda Ruiz de Azúa é licenciada em Filologia Inglesa pela Universidade de Deusto e em Comunicação Audiovisual pela Universidade do País Basco (UPV/EHU). Também se formou em Realização pela Escola de Cinema ECAM. Depois de escrever e realizar várias curtas-metragens, que obtiveram reconhecimento nacional e internacional, com destaque para *Dicen* (2011), em 2021 assinou a sua primeira longa, *Cinco lobitos*, que conquistou mais de 30 prémios, incluindo três Goyas, tornando-se o filme da candidatura de Espanha aos Óscares. Em 2024, estreou-se na ficção televisiva com a minissérie *Querer*, igualmente premiada. Seguindo na mesma linha de sensibilidade dramática, a sua segunda longa-metragem, *Os Domingos*, foi distinguida com a Concha de Ouro no Festival de San Sebastián e arrecadou 5 Prémios Goya, entre eles Melhor Filme, Melhor Realização e Melhor Actriz Principal (Patricia López Arnaiz), aos quais se somam os mais de 700 mil espectadores nas salas espanholas, afirmando-se como o filme espanhol do ano.

CONTACTOS

Distribuição Leopardo Filmes

Manuela Mina

manuelam@leopardofilmes.com

+ 351 213 255 822

Imprensa Leopardo Filmes

Nuno Gaio Silva

press@leopardofilmes.com

+ 351 213 255 810

www.leopardofilmes.com

Leopardo Filmes

Travessa das Pedras Negras, 1 – 5º andar

1100-404 Lisboa Portugal







